



## MILTON SANTOS NO ENCONTRO DE ACHILLE MBEMBE: GLOBALIZAÇÃO, RACIALIZAÇÃO E ALTERNATIVAS AO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Anderson Luiz Machado dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho objetiva colocar em debate, elementos de uma das últimas obras publicadas pelo geógrafo e intelectual negro brasileiro Milton Santos - *Por uma outra globalização* (2000), no encontro de perspectivas enunciadas por um dos intelectuais considerados mais agudos da atualidade, o filósofo, historiador e cientista político camaronês Achille Mbembe, a partir de sua obra *Crítica da Razão Negra* (2013). Consideramos que o diálogo entre as obras de tais autores, poderá contribuir para reflexões de temas fundamentais do mundo contemporâneo, tais como as relações entre a globalização, os processos de racialização e racismo, bem como no que diz respeito as perspectivas de superação destes sistemas estruturantes do espaço-tempo contemporâneo. No decorrer deste diálogo, destacam-se como pontos convergentes entre obras, os procedimentos de fabulação enquanto sustentáculos do processo de globalização neoliberal e sua intrínseca reconfiguração das relações raciais; tanto quanto discutem-se as fontes que sobrevivem à perversidade sistêmica da globalização e seu consequente *alterocídio*, as quais conduzem o pensar e o agir acerca das possibilidades de *durabilidade do mundo*, bem como da constituição de um *novo mundo possível*, enquanto horizontes de transformação societal.

**Palavras-chave:** Globalização, Raça, Racismo, Mundo Contemporâneo;

### ABSTRACT

The aim of the current study is to address elements of one of the last works published by Brazilian black geographer and intellectual Milton Santos - *Por uma outra globalização* [Toward an Other Globalization] (2000) - in the meeting about perspectives enunciated by one of today's most acknowledged intellectuals, the Cameroon philosopher, historian and political scientist Achille Mbembe, in his work *Crítica da Razão Negra* [Critique of Black Reason] (2013). We believe that the dialogue between the works by the aforementioned authors can contribute to reflections about fundamental topics of the contemporary world, such as the association between globalization and racialization and racism processes, as well as to perspectives focused on overcoming these contemporary space-time structuring systems. Fabulation procedures seen as the backbone of the neoliberal globalization process, and of its intrinsic reconfiguration of racial relationships, stand out as converging points between the aforementioned works, as such a dialogue goes on. The current study also addresses sources capable of surviving the systemic perversity of globalization and its consequent "*alterocide*"; these sources guide the processes of thinking about, and acting in, the likely *durability of the world*, as well as the constitution of a *new possible world* as horizons of societal transformation.

**Keywords:** Globalization, Race, Racism, Contemporary World.

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense - UFF. Professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. [anderson.santos@ufsm.br](mailto:anderson.santos@ufsm.br);



## INTRODUÇÃO

Passados cerca de 20 anos do falecimento do geógrafo negro e cidadão do mundo Milton Santos (1926-2001), novos debates emergem acerca de suas contribuições em diferentes regiões do globo, nas diversas áreas do conhecimento e particularmente no âmbito ao qual este intelectual mais se dedicou: a ciência geográfica. Nesse contexto, um campo epistêmico insurgente no Brasil, as *Geografias Negras*<sup>2</sup>, reivindicam seu legado, ao mesmo tempo em que incorporam matrizes epistêmicas outras, tais como: a decolonialidade, o pensamento afrodiaspórico, as afroperspectivas, dentre outras.

Isto posto, objetivamos nesta comunicação<sup>3</sup>, colocar em debate, elementos de uma das últimas obras de Milton Santos, *Por uma outra globalização* (2000), no encontro de perspectivas enunciadas por um dos intelectuais considerados mais agudos da atualidade, o filósofo, historiador e cientista político camaronês Achille Mbembe, a partir de sua obra *Crítica da Razão Negra* (2013)<sup>4</sup>. Consideramos que realizar o diálogo entre as obras de tais autores, poderá trazer contribuições importantes acerca de temas atinentes ao mundo contemporâneo, tais como as relações entre a globalização, os processos de racialização e racismo, bem como às alternativas que se delineiam frente a estes sistemas estruturantes da sociedade e do espaço contemporâneo. Desde modo, destaca-se que tais reflexões, são imanentes a espacialidade das relações raciais, bem como calcadas em matrizes epistêmicas que se deslocam da racionalidade dominante euro-norte-centrada.

Como ponto de partida, identifica-se, enquanto alínea de confluência entre as obras, o diagnóstico do espaço-tempo presente. *Um período que é uma crise* conforme Santos (2018[2000]), em sua perversidade e em suas possibilidades esperançosas; a derrocada da Europa enquanto centro gravitacional do mundo, em seus perigos e possibilidades para o pensamento crítico na visão de Mbembe (2018[2013]). Este ponto solúvel da crise contemporânea, se desdobra em caminhos que refletem alternativas, tanto para a *durabilidade do mundo*, quanto para um *novo mundo possível*, em uma dialética entre o universal o particular e o universal. Isto posto, no primeiro momento do trabalho, discutem-se as relações entre os

---

<sup>2</sup> Sobre o tema consultar: **Caderno Temático “Geografias Negras”** – Revista da ABPN. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/issue/view/38> . Acesso em: abr., 2020.

<sup>3</sup> Este trabalho é produto dos desdobramentos iniciais do projeto de pesquisa intitulado: **As Espacialidades no Pensamento Afrodiaspórico**, coordenado pelo autor, no âmbito do Grupo de Pesquisa em Educação e Território da Universidade Federal de Santa Maria (GPET-UFSM).

<sup>4</sup> Utilizam-se respectivamente as edições: SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 2018. ; MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. 1 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.



procedimentos de fabulação, a racialização e o racismo que compõem a modernidade ocidental e sua reconfiguração na globalização neoliberal. Por sua vez, no segundo momento do texto, analisam-se algumas miradas de superação da crise delineadas pelas obras em tela, a partir dos questionamentos que os autores realizam acerca do mundo e dos sujeitos que o constituem.

## **FABULAÇÃO, RAÇA E RACISMO NA GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL**

Na perspectiva lançada por Santos (2018[2000]), compreende-se a globalização enquanto o auge do processo de internacionalização do mundo capitalista, calcada em dois elementos fundamentais: *o estado das técnicas* e *o estado da política*. Nesse sentido, a globalização não se define apenas por um novo sistema técnico, marcado pela ciência e pela informação, mas também é o resultado das ações que constituem um mercado globalizado, o qual se tornou responsável pelos processos políticos essenciais. Nesta arquitetura do mundo, o autor identifica como fatores: *a unicidade das técnicas, a convergência dos momentos*, a formação de uma *congoscibilidade planetária* e *um motor único na história*, revelado em uma *mais-valia globalizada*. Ao ser utilizado pelas finanças globais, esse sistema técnico avançado, resulta na *perversidade sistêmica da globalização*.

Por sua vez, Mbembe (2018[2013]), situa como elemento fundamental para compreender esta arquitetura do mundo contemporâneo, a questão da diferença e como ela foi tratada a partir dos mundos euro-americanos, particularmente, pelo pensamento europeu. Neste quesito identifica uma lógica de *autocontemplação, autoficção* e até mesmo de *enclausuramento*, a qual se traduziu em um discurso sobre o humano, no qual se codificou o ser negro e a raça como sinônimos. Para o autor, esta concepção foi determinante na difinição do “complexo nuclear a partir do qual se definiu o projeto moderno de conhecimento - mas também de governo”<sup>5</sup>. Assim, desdobram-se três momentos deste vertiginoso processo, que se estende da espoliação organizada, desde o século XV ao XIX, no qual mulheres e homens de África foram transformados em *homens-objetos, homens-mercadorias, homens-moeda*; até a chegada do século XXI, definido pela *globalização dos mercados*, pela *privatização do mundo* através do neoliberalismo e da complexificação financeira, bem como na expansão dos complexos militares pós-imperiais e das novas tecnologias.

Diante do exposto, para além da *perversidade* do processo de globalização identificado nas perspectivas dos autores, existe um ponto de inflexão tratado nas respectivas obras, o qual

---

<sup>5</sup> Ibid. p.12.



é elementar para sustentar a conformação do mundo contemporâneo: tratam-se dos procedimentos de *fabulação*. Para Santos (2018[2000]), existe um imaginário acerca da criação de um mundo novo que se impõe aos espíritos desta época, na forma de um mundo de fabulações, o qual edifica um discurso único.

Seus fundamentos são a informação e o seu império, que encontram alicerce na produção de imagens e do imaginário, e se põem a serviço do império do dinheiro, fundado este na economização e na monetarização da vida social e da vida pessoal (SANTOS, 2018[2000] p.18).

Trata-se, para o *geógrafo negro*, de uma *máquina ideológica* que sustenta as ações predominantes na atualidade. Portanto, “a realização do mundo atual exige como condição essencial o exercício de fabulações”<sup>6</sup>. Por sua vez, Mbembe (2018[2013]), situa o trabalho de fabulação na gênese da modernidade ocidental. Assim, afirma que “na maneira de pensar, classificar e imaginar os mundos distantes, o discurso europeu, tanto erudito como popular, com frequência recorreu a procedimentos de fabulação” (MBEMBE, 2018 [2013] p.31). Nesse processo, situam-se as formas de *representação primária*, que numa *linguagem imperfeita* levam a constituição de noções centrais ao mundo contemporâneo, tais como a *raça* e o *racismo*, tomadas enquanto *figuras de saber, modelo de exploração e depredação; paradigma da sujeição* e das *modalidades de sua superação*; finalmente, enquanto um *complexo psico-onírico*.

Desta maneira, para o *intelectual africano*, a raça e o racismo não se limitam ao efeito internalizado do olhar do outro, mas constituem processos fundamentais do inconsciente, vinculados aos dilemas do desejo humano - *apetites, afetos, paixões e temores*. Desta forma, a raça participa e ao mesmo tempo escapa do *sensível*, na condição de uma *estrutura imaginária* cuja força depurta o real, recodifica os afetos e provoque distúrbios atroz. Nesse processo, paradoxalmente, a raça e o racismo, produzem maneiras de *estabelecer e afirmar o poder*, bem como o conteúdo psíquico recalcado, retorna ao *sensível* de forma brutal, ao passo que para o racista, o negro é a fixação patológica de uma *ausência de relação* (MBEMBE, 2018 [2013]). Mas, também a raça é o lugar da *ruptura*, da *efervescência* e da *efusão*, principalmente para os oprimidos, neste aspecto Mbembe (2018[2013]), recupera o *complexo psicoexistencial fanoniano*<sup>7</sup>, acerca do desejo de vingança, ou seja, da raiva que condenados à sujeição, impelem

---

<sup>6</sup> Ibid. p.19.

<sup>7</sup> Sobre o tema consultar: FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2008.



diante das inúmeras cissuras que carregam. Indo além, afirma que para os mesmos, a raça evoca um *obscuro, tenebroso e paradoxal, desejo de comunidade*.

Esse desejo é simultaneamente inquietação e angústia – associadas à possibilidade de extinção - e projeto. Quer dizer, é a linguagem do lamento e de um luto rebelde em seu nome. Articula-se em torno de um corpo, voz, de um rosto e de um nome se não perdidos, pelo menos violados e maculados, mas que é preciso a todo o custo salvar e reabilitar (MBEMBE, 2018 [2013] p.71).

Este *luto rebelde* ao qual se refere o autor, se faz presente nos movimentos sociais negros contemporâneos, a exemplo do que ocorre nas manifestações das mães negras nas periferias metropolitanas que perdem seus filhos diante da violência policial e paramilitar vigente nestes espaços. Não obstante, Mbembe (2018[2013]), reposiciona como os procedimentos de fabulação, instituintes das noções de raça e de racismo, desde a primeira modernidade, se reconfiguram no contexto da globalização atual discutida por Santos (2018[2000]).

Nesse sentido, as fábulas de uma *aldeia global* e do *encurtamento das distâncias*, bem como de uma *humanidade desterritorializada*, difundidas pelos agentes hegemônicos, produzem segundo Santos (2018[2000]), a sensação de *tempo e espaço contraídos, fluídos e fugazes*, tanto quanto o mercado global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta, quando em realidade, o tempo e o espaço tornam-se cada vez mais *compartimentados e fragmentados*.

Os territórios tendem a uma compartimentação generalizada, onde se associam e se chocam o movimento geral da sociedade planetária e o movimento particular de cada fração, regional ou local, da sociedade nacional. Esses movimentos são paralelos a um processo de fragmentação que rouba às coletividades o comando de seu destino, enquanto os novos atores também não dispõem de instrumentos de regulação que interessem à sociedade em seu conjunto (SANTOS, 2018 [2000] p.79-80).

A compreensão deste *sequestro da autonomia local*, frente a *verticalidade* dos processos globais apontados por Santos (2018[2000]), são aprofundados na perspectiva de Mbembe (2018[2013]), diante do entendimento da lógica de *produção da indiferença*, bem como da nova relação entre *capitalismo e aminismo*, que culmina na *atomização* do espaço-tempo para o sujeitos subalternos. Nesta abrangência de fatos, Mbembe (2018[2013]) situa o surgimento de uma *humanidade supérflua*, entregue ao abandono e que sequer goza ser explorada pelo capital, sobretudo, pelo capital financeiro. Emerge assim, um *sujeito neuroeconômico*, ficcionalmente empreendedor de si, mas em realidade mutilado pela dívida e pelo mercado, tornando-se permanentemente moldável diante dos artefatos de seu tempo-espaço.



[...] Distingui-se em vários aspectos do sujeito trágico e alienado da primeira industrialização. De saída, é um indivíduo aprisionado em seu desejo. O seu gozo depende quase inteiramente da capacidade de reconstruir publicamente sua vida íntima e de oferecê-la no mercado como uma mercadoria passível de troca (MBEMBE, 2018 [2013] p.16).

Nesse contexto, há uma nova tendência nos procedimentos de fabulação, que transformam cada vez mais “o real em ficção e a ficção em real”<sup>8</sup>, sendo a fusão entre *capitalismo* e *animismo* uma determinante para a compreensão da raça e do racismo, tanto quanto dos destinos da humanidade, no mundo contemporâneo. Ao ressaltar esta alínea, Mbembe (2018[2013]), aponta que, neste *período que é uma crise* como diria Santos (2018[2000]), as *humanidades subalternas* correm o risco de subtemerte-se à violações, às quais os escravos negros foram expostos, no primeiro momento do capitalismo. Ainda mais, diante de um processo em que permanentemente, seres humanos são transformados em *coisas animadas, números, dados e cógidos*. Deste modo, o substantivo negro, deixa de remeter-se apenas a condição dos povos de origem africana durante o período inicial do capitalismo, sua *institucionalização enquanto padrão de vida e sua generalização*, é o que Mbembe (2018[2013]), denomina de *devoir-negro do mundo*.

A realização deste *devoir* é permeada por práticas *imperiais inéditas*, partidárias tanto das lógicas esravagistas de captura, predação e espoliação, quanto das lógicas coloniais de ocupação e exploração; restituídas do período pretérito e acrescidas de novos dispositivos, pois as formas de destruição, a captura, as agressões e intervenções bélicas contemporâneas, mobilizam constantemente imagens, as quais se impõem enquanto elementos de uma *violência que se desejava pura* (MBEMBE, 2018[2013]). A esta perspectiva, Santos (2018 [2000]) acrescenta o caráter *despótico da informação e do dinheiro em estado puro*, que servem de base para que algumas empresas e Estados aprofundem a criação das desigualdades, trata-se pois, de um processo de *rebalcanização do mundo*, conforme os termos destacados por Mbembe (2018[2013]).

Não obstante, para Santos (2018[2000]), vigora no período da globalização atual, uma *violência estrutural e uma perversidade sistêmica*.

[...] a violência estrutural resulta da presença e das manifestações conjuntas, na era da globalização, do dinheiro em estado puro, da competitividade em estado puro e da potência em estado puro, cuja associação conduz à emergência de novos totalitarismos e permite pensar que vivemos numa época de globalitarsimo muito mais do que globalização (SANTOS 2018[2000] p.55).

---

<sup>8</sup> Ibid. p.18.



Mbembe (2018[2013]), complexifica o olhar para essas questões, ao tratar da *intensificação de práticas de zoneamento*, que têm se revelado na militarização, na repartição e fragmentação dos territórios, assim como “na criação, no interior dos Estados existentes, de espaços mais ou menos autônomos, por vezes subtraídos da qualquer soberania nacional, mas operando sob a lei informal de uma infinidade de autoridades fragmentadas e de poderes privados armados”<sup>9</sup>. Formam-se nesse processo, *malhas de repressão, esquinamentos e comandos de caça*, que multiplicam as condições de *exceção* por toda parte. Trata-se de um tema brutalmente evidente no território brasileiro, em um momento no qual pesquisas demonstram como vêm ocorrendo a expansão do controle territorial por grupos armados nos espaços periféricos das cidades, sobretudo com as chamadas *milícias*, para além de outros comandos armados também presentes, cujos protótipos se situam na região metropoliana do Rio de Janeiro<sup>10</sup>.

Por conseguinte, ao identificar a nova condição *fungível e solúvel* da humanidade no contexto contemporâneo, Mbembe (2018 [2013]), questiona, se a raça e o racismo deixariam de existir, ou se reconfigurariam em uma nova linguagem. Deste modo, ao tomar como pressupostos, que a condição do *negro* e da *raça* jamais se constituíram em *elementos fixos*, o *intelectual africano*, traz à tona os elementos arenosos e moleculares que, “beneficiando-se do processo de globalização e dos efeitos contraditórios que provoca por toda parte, a lógica da raça volta a irromper na consciência contemporânea. Um pouco por todo o lado se reaviva a fabricação dos sujeitos raciais”<sup>11</sup>. Logo, a ordem da globalização, vai além do preconceito de cor herdado do tráfico negreiro e das instituições de segregação racial, tanto quanto do racismo antissemita e do modelo de inferiorização colonial, visto que nesta ordem se interpõem “novas constantes do racismo, com base em mutações das estruturas de ódio e na recomposição das figuras do inimigo íntimo” (MBEMBE, 2018 [2013] p.47).

Nestas contingências, situa-se um novo processo de concepção biológica das distinções entre os grupos humanos, o qual interpõe a raça e o racismo a partir de um *pensamento genômico*. Assim, Mbembe (2018 [2013]), suscita que as técnicas genéticas poderão ser utilizadas para fazer *o manejo das variedades populacionais* e descartar as raças concebidas como *indesejáveis*, bem como a *engenharia molecular* poderá agir em função dos

---

<sup>9</sup> Ibid. p.18.

<sup>10</sup> Sobre o tema consultar: **Apresentação ao Mapa dos Grupos Armados do Rio Janeiro**. Disponível em: <<http://geni.uff.br/2021/03/26/apresentacao-ao-mapa-dos-grupos-armados-do-rio-de-janeiro/>>. Acesso em Out., 2020.

<sup>11</sup> Ibid. 47.



*determinismos raciais*, para remodelar as condições de vida. Nesse sentido, é possível traçar a relação existente entre o *sistema técnico atual*, cuja base i-material é o *meio técnico-científico-informacional* (SANTOS, 2008 [1996]) e os processos de *racialização* que se renovam no seio da globalização, conforme as proposições de Mbembe (2018[2013]).

Ainda, neste novo cotejamento *biopolítico*<sup>12</sup> do racismo, Mbembe (2018[2013]), aponta para o fortalecimento da ideologia da segurança e dos mecanismos destinados a minimizar os riscos, processos que transformam a proteção em sinônimo da cidadania. Assim, emerge um movimento de *santuarização dos territórios*, com vigorosos dispositivos panópticos e formas vorazes de controle da mobilidade e dos vestígios imutáveis dos corpos humanos, o que determina novas formas de enclauramento e distanciamento, onde o cidadão é o beneficiário da vigilância, na medida em que novas formas de classificação e hierarquização racial surgem como fontes para minimizar o perigo e o risco. Vigora no mundo contemporâneo, uma forma de vida que se assemelha à outros tempos, calcada na *clausura*, no *cercamento*, em *muros*, *campos* e *fronteiras*. “São recuperados por todo lado processos de diferenciação, classificação e hierarquização para fins de exclusão, expulsão e erradicação” (MBEMBE, 2018 [2013] p.54).

## DO “ALTEROCÍDIO” À “DURABILIDADE” E AO “NOVO MUNDO POSSÍVEL”

Nos procedimentos de fabulação apontados pelos autores enquanto fundamentais para sustentação do mundo globalizado, também está inscrita uma atividade primaz de produção acerca do que é racional - na forma de razão ou de racionalidade. Neste sentido, a *perversidade sistêmica* apontada por Santos (2018[2000]), decorre de uma *racionalidade dominante*, trata-se de “uma racionalidade totalitária que vem acompanhada de uma perda da razão. O deboche de carências e de escassez que atinge uma parcela cada vez maior da sociedade humana permite reconhecer a realidade dessa perda”<sup>13</sup>. Essa instituição de uma racionalidade e de sua consequente brutalidade, também é situada em Mbembe (2018[2013]), a partir do ser negro e da raça, diante dos quais emerge um sistema de pensamento, narrativas e práticas que o autor denomina de *razão negra*.

[...] a *razão negra* designa um conjunto tanto de discursos como de práticas - um trabalho cotidiano que constitui em inventar, contar, repetir e promover a variação de fórmulas, textos e rituais com o intuito de fazer surgir o negro enquanto sujeito racial e exterioridade selvagem, passível de desqualificação moral e instrumentalização prática (MBEMBE 2018 [2013 p.61]).

<sup>12</sup> Em alusão a perspectiva de Foucault (2008[1978]).

<sup>13</sup> Ibid. p.120.



Nesse sentido, é possível identificar uma confluência entre o papel da *racionalidade dominante* situada por Santos (2018[2000]) e esta primeira linha de constituição da *razão negra* que Mbembe (2018[2013]), demonina de *consciência ocidental do negro*, enquanto elementos fundamentais para compreender a *violência*, a *escassez* e a *fobia racial*, que segundo o *intelectual africano* se traduz em um *alterocídio*. Ou seja, em uma forma de fabricação do outro, “não como *semelhante a si mesmo*, mas como objeto propriamente ameaçador, do qual é preciso se proteger, desfazer, ou ao qual caberia simplesmente destruir na impossibilidade de assegurar seu controle total<sup>14</sup>.

Todavia, da *lógica da escassez* nascem *contrarracionalidades*, bem como dos *restos* africanos e negros, sobreviventes ao *alterocídio* e espalhados pelo mundo, brutam formas de subjetivação e consciência que desejam restituir e salvar a vida. Assim, a questão do mundo globalizado se repõem em outros termos neste encontro de fragmentos da *intelectualidade negra*, representada pelas obras de Milton Santos e Achille Mbembe, postas em tela; sendo que é a partir das *centralidades periféricas* (a escassez e o resto), que os autores concebem a possibilidade da *durabilidade do mundo* (MBEMBE 2018[2013]) e a utopia de um *novo mundo possível* (SANTOS 2018[2000]).

Santos (2018 [2000] p.121) recupera Jean Paul Sartre (1905-1980) para afirmar que “a escassez é que torna a história possível, graças a unidade negativa da multiplicidade concreta dos homens”. Assim, nas margens da *racionalidade dominante* e diante das contingências da *escassez* emergem *contrarracionalidades*.

Essas *contrarracionalidades* se localizam, de um ponto de vista social, entre os pobres, os migrantes, os excluídos, as minorias; de um ponto de vista econômico, entre as atividades marginais, tradicional ou recentemente marginalizadas; e, de um ponto de vista geográfico, nas áreas menos modernas e mais “opacas”, tornadas irracionais para os usos hegemônicos [...]. Essa experiência da escassez é a base de uma adaptação criadora à realidade existente (SANTOS, 2008 [1996] p.309).

Deste modo, Santos (2018[2000]), compreende de maneira esperançosa o papel dos sujeitos “de baixo” no processo de globalização, sem deixar de lado, como o mesmo impacta todos âmbitos da existência humana. Porém, as *contrarracionalidades* derivam em *resistências* e impulsionam novas possibilidades à globalização. Neste caso, Santos (2018[2000]), põe em relevo, tanto *mistura de filosofias*, em detrimento do racionalismo europeu, quanto o papel da *cultura popular* e sua capacidade em traduzir-se em um *discurso dos de baixo* e em uma *política*

---

<sup>14</sup> Ibid. p.27.



*dos pobres*, que exalta a vida cotidiana, tomando por base o território e a cultura local, em suas heranças. Trata-se de um *efetivo* processo de *territorialização*<sup>15</sup> que coaduna economia, política e cultura. Porém, de forma distinta das *verticalidades* da globalização hegemônica, pois “essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade” (SANTOS, 2018 [2000] p.144).

É partir destes elementos, vigentes nas *centralidades periféricas* (tanto no sentido do sujeitos “de baixo” que vivem em cada lugar, quanto dos países periféricos do sistema-mundo), que Santos (2018[2000]), postula o imparativo de uma *outra globalização* e de um *novo mundo possível*. Trata-se de um processo heterogêneo, processado a partir das condições internas de cada país, provocadas pelas relações externas e poderá levar a revisão dos pactos impostos pela globalização, em uma dialética entre o universal e o particular.

O mundo de hoje também autoriza uma outra precepção da história por meio da contemplação da universalidade empírica constituída com a emergência das novas técnicas planetarizadas e as possibilidades abertas a seu uso. A dialética entre essa universalidade empírica e as particularidades encorajará a superação das práxis invertidas, até agora comandadas pela ideologia dominante, e a possibilidade de ultrapassar o reino da necessidade, abrindo caminho para a utopia e para a esperança (SANTOS, 2018 [2000] p.168).

Este processo de mundaça, subjaz sobre o *homem* (ser humano), ou sobre a *humanidade como um bloco revolucionário*, em detrimento da centralidade do dinheiro, da técnica e da informação. Diante desta primazia de um novo humanismo, Santos (2018 [2000] p.148) destaca que “estarão assegurados o império da compaixão nas relações interpessoais e o estímulo à solidariedade social, a se exercida entre indivíduos, entre indivíduos e a sociedade, e vice-versa, e entre a sociedade e o Estado, reduzindo as fraturas sociais, impondo um nova ética”. Por conseguinte, estariam postas as condições para um nova sociedade, uma nova economia, um novo espaço geográfico, cujo ponto de partida situa-se na *prática da vida* e na *existência de todos*.

Já, na perspectiva de Achille Mbembe (2018[2013]), o *resto* é a figura sobre a qual subjaz a *dessemelhança, a diferença e o poder puro do negativo*, o que transforma a existência em objetificação, sendo em África e no negro, em particular, as expressões mais simbólicas desta *vida vegetal e limitada*. Porém, destes *restos*<sup>16</sup> dispersos pelos múltiplos cantos do mundo,

<sup>15</sup> Utilizam-se as expressões grifadas, no sentido das relações de apropriação do espaço geográfico pelos grupos subalternos, em sua abertura e seu *devir*, conforme destaca Haesbaert (2004).

<sup>16</sup> Neste aspecto da obra de Mbembe (2018[2013]), é possível constatar a influência da perspectiva de Walter Benjamin (1892-1940), sobretudo no que diz respeito ao seu conceito de história, enquanto tarefa que se realiza



emerge uma escrita que se esforça para forjar uma *comunidade*, ao mesmo tempo em que estes fragmentos humanos, produzem uma disputa que traz consigo a busca pela *restituição, reparação e justiça*, elementos que Mbembe (2018[2013]) considera como fundamentais para a *elevação coletiva em humanidade* e em consequência para *durabilidade do mundo*.

Esta escrita é o que Mbembe (2018[2013]) define como *consciência negra do negro*, esse segundo texto possui características próprias, constituindo-se em um *gesto de auto-determinação*, um *modo de presença perante si mesmo*, um *olhar interior* e uma *utopia crítica*. Seus criadores são sujeitos que circulam, de um continente à outro, de África à Europa, à América e participam ativamente na *globalização intelectual de seu tempo*, ao mesmo tempo é produto de uma longa história de radicalidade, presente desde as lutas abolicionistas até as resistências capitalistas. Através desta *constelação* de elementos, luta-se pela superação das hierarquias raciais oriundas do colonialismo e da segregação; desenvolvem-se formas de consciência coletiva, assim como criam-se epistemologias e combates à ontologias inerentes a fabricação de sujeitos raciais.

Não obstante, é sobretudo partir destes *restos* africanos e negros espalhados pelo mundo, que Mbembe (2018[2013]), levanta a questão acerca da *durabilidade do mundo*. A questão se encaminha no sentido do pensar e agir no mundo, enquanto espaço-tempo partilhado pela humanidade e outros seres, cujas relações encontram-se profundamente degradadas. Nesse sentido o *intelectual africano* afirma que “a durabilidade do mundo depende de nossa capacidade de reanimar os seres e as coisas aparentemente sem vida - o homem morto, devolvido ao pó pela seca economia, que, pobre de mundo, trafica corpos e a vida” (MBEMBE (2018 [2013] p.312). Nesse sentido, evoca à humanidade para a necessidade do *desejo de vida* enquanto pedra angular de um novo pensamento político e cultural. Paralelamente, recorre aos saberes ancestrais africanos, para situar este profundo *desejo de vida* vigente na dialética da *carne e da semente*, a qual se coloca enquanto uma restituição elementar para a duração do mundo contemporâneo.

Compartilhar o mundo com outros viventes, eis a dívida por excelência. Eis, sobretudo, a chave para a durabilidade tanto dos humanos quanto dos não humanos. Nesse sistema de trocas, de reciprocidade e de mutualidade, humanos e não humanos eram o limo uns dos outros (MBEMBE, 2018 [2013] p.311).



Ainda, Mbembe (2018[2013]) considera que na existência do mundo, os seres partilham de um desejo em comum, “o desejo de ser, cada um do seu jeito, seres por inteiro”<sup>17</sup>, trata-se de um *desejo de plenitude*. Porém,

[...] para construir este mundo que nos é comum, será preciso restituir aqueles e àquelas que foram submetidos a processos de abstração e de coisificação na história a parte de humanidade que lhes foi roubada [...]. Restituição e reparação, portanto estão no cerne da própria possibilidade de construção de uma consciência comum do mundo, ou seja, da realização de uma justiça universal (MBEMBE, 2018 [2013] p. 313-314).

Nesse sentido, a utopia de um *novo mundo possível* levantada por Santos (2018 [2000]), vai ao encontro dos elementos postos acerca da *durabilidade do mundo* por Mbembe (2018 [2013]), na medida em que a permanência do mundo enquanto espaço-tempo partilhado pelos seres humanos e não humanos, depende de profundas transformações em suas relações, sendo a problematização da *diferença* inerente aos processos de racialização, um momento que faz parte de um projeto mais amplo, de *um mundo por vir*, de uma *habitação do aberto*, livre do fardo da raça, do ressentimento, bem como do desejo de vingança que o racismo suscita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo entre as perspectivas de Milton Santos e Achille Mbembe realizado através das obras *Por uma outra globalização* (2000) e *Crítica da Razão Negra* (2013), contribui para elucidar questões vitais acerca das relações entre a globalização e os procedimentos de racialização/racismo, enquanto processos inscritos em um longa escala espaço-temporal e que se requalificam na ordem contemporânea, sobretudo diante dos novos dispositivos de *fabulação* elementares para sustentar a *perversidade sistêmica* na qual o *racismo* se recompõe e se torna uma arena ainda mais complexa. Também, o diálogo entre as obras dos respectivos intelectuais negros, traz, a partir de diferentes pontos de partida, a confluência para uma contingência fundamental, qual seja: a compreensão e a transformação do mundo em seu contexto contemporâneo, no qual subjazem chagas das heranças pretéritas. Assim, pela lógica da *escassez* e do *resto*, reposicionam sujeitos objetificados e violentados, enquanto capazes de produzir novas relações, desde seus lugares e territórios, na medida em que intermediam sua constituição enquanto mundo. Assim, ao revistar a mediação dialética entre o particular e o universal, vislumbram a partir das *centralidades periféricas* e *humanidades subalternas* as

---

<sup>17</sup> Ibid. p.313



possibilidades da *durabilidade do mundo* e de um *novo mundo possível*, calcados em uma genuína abertura ao *dever*, na *existência do ser* e na reconstituição do *desejo de vida*, em um contexto marcado por *mundos de morte e mortos viventes*<sup>18</sup>.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 1ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p.222-232.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, M. **Segurança, Território, População**. Curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. 1 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018 [2013].

\_\_\_\_\_. **Necropolítica**. 1 ed. São Paulo: n-1 Edições, 2018 [2003].

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 2018 [2000].

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2008 [1996].

---

<sup>18</sup> Termos utilizados por Achille Mbembe nas considerações finais do ensaio *Necropolítica (2018a[2003])*.